

A memória da Força Expedicionária Brasileira no tempo presente

The memory of the Brazilian Expeditionary Force in the present time

Fabio da Silva Pereira¹ e Florence Alencar Moreira²

RESUMO³

O presente estudo visa analisar a problemática política das práticas educacionais voltadas ao processo histórico da Força Expedicionária Brasileira (FEB), sobretudo no que diz respeito aos currículos. Nesse estudo verificou-se a pouca importância que se dá o estudo da FEB no tempo presente. De caráter descritivo, o objetivo em descrição geral foi de analisar em que medida a FEB consta nos livros escolares da atualidade e nas aulas de História, com abordagem qualitativa. A presente pesquisa registra fatos que repercutem no apagamento da memória do veterano brasileiro na história do tempo presente. O trabalho contou com um referencial bibliográfico de autores sobre a temática, bem como uma breve análise de documentos em sala de aula em pesquisa de campo.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira; Segunda Guerra Mundial; Ensino de História.

ABSTRACT

This study aims to analyze the political issue of educational practices aimed at the historical process of the Brazilian Expeditionary Force (FEB), especially with regard to curricula. In this study, it was verified the little importance given to the study of FEB in the present time. With a descriptive character, the objective in a general description was to analyze the extent to which FEB appears in current textbooks and in History classes, with a qualitative approach. This research records facts that affect the erasure of the Brazilian veteran's memory in the history of the present time. The work had a bibliographical reference of authors on the subject, as well as a brief analysis of documents in the classroom in field research.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force; Second World War; History Teaching.

¹ Doutorando em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Mestre em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), licenciado em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e pesquisador do Laboratório sobre Estudos de História Militar, Política e Fronteiras (UNIVERSO).

E-mail: fabio.pereira.historia@gmail.com

² Mestranda em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), licenciada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e pesquisadora do Laboratório sobre Estudos de História Militar, Política e Fronteiras (UNIVERSO/CNPq).

E-mail: flornahistoria@gmail.com

³ Em especial, é realizado um agradecimento à Prof. Dra. Vivian Zampa pelos ensinamentos no presente estudo bem como a pesquisa em parceria no Laboratório de Estudos sobre História Militar, Política e Fronteiras (UNIVERSO/CNPq).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) simbolizou o apogeu de crise da modernidade e, nesse contexto de grandes confrontos, esquematizou, dentre toda a barbárie que acomete uma guerra, o desenvolvimento de tecnologias para a indústria bélica. O choque entre gerações no decorrer do século XX, segundo Hobsbawm (1995), colocou em xeque as relações entre as sociedades, sobretudo no tocante ao desenvolvimento científico e social. As análises historiográficas visam examinar as relações políticas, econômicas, culturais e sociais que corroboraram para o confronto no teatro de operações. Segundo Hobsbawm (1995), o mundo passou por diversas transformações até chegar a um colapso, notoriamente, sendo o estopim para a intitulada “Era dos Extremos”:

Confrontos religiosos ou ideológicos como os que povoaram este século erguem barricadas no caminho do historiador. A principal tarefa do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender. O que dificulta a compreensão, no entanto, não são apenas nossas convicções apaixonadas, mas também a experiência histórica que as formou. As primeiras são fáceis de superar, pois não há verdade no conhecido, mas enganoso dito francês, *tout comprendre c'est tout pardonner* (tudo compreender é tudo perdoar). Compreender a era nazista na história alemã e enquadrá-la em seu contexto histórico não é perdoar o genocídio. (HOBSBAWM, 1995, versão kindle posição 223)

Conforme ilustra Sciarretta (2013), a Segunda Guerra Mundial teve início em 1º de setembro de 1939 e se findou após exatos seis anos, com o término do conflito em 2 de setembro de 1945⁴. “Proporcionou estragos notavelmente maiores do que os provocados pela guerra de 1914-1918 [Primeira Guerra Mundial], chegando a causar a morte de cerca de 50 milhões de seres humanos” (SCIARRETTA, 2013, p. 217). Segundo o autor, também acarretou em mudanças bruscas no cenário geopolítico mundial e assim, representa o maior evento de guerra da História. Na história militar entendemos que “É da lembrança de atos de coragem, desprendimento e sacrifício, perpetrados por soldados do passado e pelos seus antecessores que o homem, (...) torna-se capaz de seguir em frente. E é da História que vem essa inspiração” (PEDROSA, 2011, pp. 5-6).

⁴ A guerra total ou guerra planetária, segundo o que comentam Hobsbawm (1995) e Sciarretta (2013) sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) teve início com a invasão da Polônia, realizada pelo exército alemão nazista, em 1º de setembro de 1939.

As transformações ocorridas atingiram as instâncias políticas e ideológicas, não só pelo alinhamento de Getúlio Vargas no Estado Novo (1937-1945) em prol do regime nazista, com Adolf Hitler, e ideais fascistas, com Benito Mussolini, mas no jogo político que colocava em xeque a segurança nacional. Por esse motivo, e pelos interesses norte-americanos no território brasileiro, o presidente Vargas mudou de postura, aceitando as pressões de Franklin Delano Roosevelt e declarando guerra ao Eixo em 1942. Isso acarretou em investimentos culturais e econômicos, como a figuração do “Zé Carioca”, amigo do Pato Donald e a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1941, segundo Corrêa (2011) e Rodrigues (2012). Acontece que os Estados Unidos da América se atentavam às possibilidades de aliança com o Brasil, o que é justificado nos estudos de Pereira (2017) como o *soft power*, ou seja, uma espécie de “poder brando”, que equilibra interesses territoriais estratégicos com elementos sociais e culturais.

Esse poder brando, por conseguinte, foi o que se passou a trabalhar o interesse geopolítico entre as nações com influências econômicas e socioculturais, repercutindo nas investidas que os Estados Unidos poderiam fazer naquele momento, sobretudo em virtude da caracterizada “política de boa vizinhança”, explicada por Santos (2018). Segundo Pereira (2017), o *soft power* é diferente do *hard power*, pois o último se baseia no emprego da força bélica para pressionar a colaboração de outros países com os propósitos sob a ótica militar.

A organização da FEB, na Itália, em 5 de setembro de 1944, era alicerçada pela 1ª DIE, comandada pelo general Mascarenhas de Moraes, que integrava as seguintes tropas: Infantaria Divisionária, comandada pelo general Zenóbio da Costa, e estruturada pelos 1º, 6º e 11º Regimentos de Infantaria; Artilharia Divisionária, comandada pelo general Cordeiro de Farias; 9º Batalhão de Engenharia; 1º Batalhão de Saúde; 1º Esquadrão de Reconhecimento e pela 1ª Companhia de Transmissões. A presença do corpo feminino no Batalhão de Saúde da FEB foi um marco na valorização da mulher dentro da sociedade brasileira. O trabalho anônimo das nossas heroínas foi destacado por diversos chefes militares durante a Campanha na Itália. Outro aspecto importante no campo psicossocial da FEB foi a formação multiétnica das tropas brasileiras. Nossos “pracinhas” (oficiais e praças) constituíram a única força miscigenada não segregacionista entre as tropas aliadas combatentes na Europa. (FRANCO, 2020, s/n)

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) atuou no território italiano de 1944 a 1945, porém foi estruturada em 1943 como a 1ª Divisão do V Exército norte-americano, segundo Ferraz (2012) e Franco (2020). Conforme o referencial teórico pautado nas historiografias patriótica, revisionista e nova história, esta última dividida em estudos sobre memória e história do tempo presente, corroboram para a construção do senso

crítico acerca do apagamento da FEB. A problemática presente elucidou fatores para esse acontecimento, e tem o objetivo de ilustrar como após 75 anos após o término da guerra ainda não sejam concretas e institucionais as pesquisas sobre a atuação expedicionária. Essas elucidações voltarão às atenções para a influência do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) sobre esse fato, perpetuando, por fim, na aplicabilidade na Educação brasileira.

DESAFIOS E PRÁTICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA SOBRE A FEB

A problemática desse estudo determina uma relevante questão para a história nacional e utiliza a metodologia de cunho descritivo de análise documental. Baseado nos estudos de Ferraz (2012), é possível afirmar que existe o movimento de esquecimento da FEB em virtude do apagamento intencional da atuação da FEB no recorte temporal da Segunda Guerra Mundial e com o espacial, no solo italiano, desde a desmobilização da FEB em 6 de junho de 1945. O objetivo é trazer a atenção para a confecção dos materiais didáticos brasileiros que apagam a memória da FEB, exemplificado o tema em sala de aula com a análise de documentos de épocas posteriores. Tais estudos tem o foco da Educação, tanto cenário tanto civil quanto militar.

Com abordagem qualitativa, ao realizar um levantamento de informações sobre a FEB, o resultado da pesquisa inicial foi a apresentação de um curto seminário temático para oficiais estrangeiros, com a autorização e supervisão dos oficiais responsáveis, no Centro de Idiomas do Exército (CIdEx), em 04 de julho de 2019. O seminário temático no CIdEx teve como objetivo apresentar a metodologia das fontes pesquisadas até o momento, bem como explicar a atuação da FEB para oficiais estrangeiros. O problema do eixo temático então, se perpetua na história do tempo presente⁵, caracterizando uma necessidade do entendimento do que foi a atuação dos “pracinhas”⁶ no segundo conflito bélico mundial.

⁵ Segundo Pereira (2020), a história do tempo presente (HTP) é uma ramificação da nova história, na qual a busca por novas problemáticas acompanha o estudo de novas fontes para a pesquisa em história. É, segundo o autor, a melhor forma para correlacionar e entender a história e a memória, pois realiza o levantamento de relatos orais, bem como da história do vivo (PEREIRA, 2020, p. 107).

⁶ O termo “pracinhas”, hoje utilizado com muito zelo pelos ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial, segundo os pesquisadores civis e militares sobre o tema, outrora era caracterizado como um insulto, segundo o que mostra Ferraz (2012). Isso também será analisado no documento do “Correio da Manhã”, jornal publicado em 1970, no qual enaltece a memória de oficiais recém-saídos da Escola Militar do Realengo, mas que não abre espaço para a menção sequer de nenhum praça. Isso elucidou pontos-chave

A justificativa sobre os estudos acerca do apagamento da memória da FEB se intensificou através de diálogos com as turmas de Estágio Supervisionado da UNIRIO no CIEP 488 em Itatiaia com o estudo do currículo mínimo e, com efeito, na prática docente voluntária no Pré-Vestibular *Leonhard Euler* da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Isso foi compreendido a partir do momento que nenhum dos alunos sabia sobre o que foi a Força Expedicionária Brasileira, o que a mesma tinha feito, onde tinha atuado e porque teria sequer existido.

A FEB, por sua vez, representa um confronto ao regime ao qual denominamos Estado Novo (1937-1945)⁷, mesmo que de forma indireta na representatividade do combate ao nazismo em solo italiano. Segundo as análises do documento “Currículo Mínimo de História para o Estado do Rio de Janeiro, na Área de Ciências Humanas e Suas Tecnologias” (2011), segundo os gráficos a seguir, nada é destacado sobre a FEB, somente o amplo escopo da Era Vargas e da Segunda Guerra Mundial:

Figura 1: Estudos do 3º bimestre do 9º ano do Ensino Fundamental.

3º Bimestre	
Conteúdo	A ERA VARGAS: POPULISMO E DITADURA
Habilidades e Competências	- Identificar os agentes que favoreceram a ascensão de Getúlio Vargas ao poder; - Compreender as transformações políticas e sócio-econômicas do período; - Discutir os conceitos: revolução, populismo e ditadura.
Conteúdo	A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A BIPOLARIZAÇÃO
Habilidades e Competências	- Identificar o contexto histórico da Segunda Guerra; - Compreender o significado histórico das relações de poder entre as nações; - Discutir os conceitos de hegemonia, dominação e Guerra Fria.
Conteúdo	A DESCOLONIZAÇÃO AFRO-ASIÁTICA E OS CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO
Habilidades e Competências	- Questionar as visões preconceituosas sobre a África e o Oriente Médio; - Estimular o respeito à diversidade cultural; - Comparar a descolonização africana com a asiática.

Fonte: Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro, 2011, s/p.

da problemática do apagamento da memória dos soldados da FEB, segundo o autor, até mesmo no período do Regime Militar (1964-1985), desde 1945, pela atuação da propaganda do DIP.

⁷ O Estado Novo (1937-1945), segundo Corrêa (2011), faz parte da Era Vargas, que foi dividida em três momentos: “Governo Provisório” (1930-1934), após o movimento revolucionário de Vargas em 1930, o “Governo Constitucional” (1934-1937), com a assinatura da Constituição de 1934 de cunho integralista, e “Estado Novo” (1937-1945), regime ditatorial pós-medidas do Plano Cohen, ao dissolver o Poder Legislativo.

Figura 2: Estudos do 3º bimestre da 3ª série do Ensino Médio.

3º Bimestre	
Conteúdo	2ª GUERRA E A BIPOLARIZAÇÃO DO MUNDO (GUERRA FRIA); - BRASIL NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA: DITADURA MILITAR NO BRASIL
Habilidades e Competências	- Analisar as relações de dominação e convivência, resistência entre sujeitos históricos; - Compreender a formação de alianças e conflitos no contexto de disputa por hegemonia.
Conteúdo	- CONFLITOS POLÍTICO-CULTURAIS PÓS-GUERRA FRIA E REORGANIZAÇÃO GEOPOLÍTICA DO CONTINENTE AFRICANO. - A LUTA PELA CONQUISTA DE DIREITOS PELOS CIDADÃOS: AS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS
Habilidades e Competências	- Compreender a cidadania em uma perspectiva histórica, como resultado de lutas, confrontos e negociações.

Fonte: Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro, 2011, s/p.

A análise de documentos contou com o exemplo de um fragmento do material didático do 9º ano do Ensino Fundamental, do Projeto Araribá (2007). Foram procurados materiais didáticos, de ensino fundamental e médio, e, o que mais chamou a atenção para essa pesquisa foi que, mesmo ao sem encontrar outros materiais didáticos para verificar o ensino sobre a FEB, esse o fez:

Figura 3: Trecho que explica a entrada do Brasil para o bloco dos Aliados em 1942.



Fonte: Projeto Araribá (2007, p. 150)

A análise de materiais didáticos que ilustram a problemática sobre a FEB se correlaciona com a proposta de análise em classe de um fragmento do jornal “Correio da Manhã”, para que seja explicado os fatores para os quais os “pracinhas” não eram lembrados e, até mesmo, esquecidos pelas instituições civis e militares. Na edição de 8 de junho de 1970, o jornal “Correio da Manhã” revê a memória da FEB, onde mostra ao leitor o sentimento do veterano brasileiro, todavia, sem citar que o entrevistado foi, na Segunda Guerra Mundial, um soldado, ou seja, “praça” da FEB. Fragmento onde se lê:

Êles lutaram pelo Brasil

Êle saiu de casa rumo ao trabalho e leu, no jornal, que o Regimento Sampaio ia comemorar, com uma festa, mais um aniversário no dia 24 de maio. José, que pertencera ao Regimento e que fôra ferido na Itália, decidiu que iria à Vila Militar visitar o “seu” 1º de Infantaria, após cerca de 25 anos, quando dera baixa, de volta da Itália. E foi. O

quartel estava enfeitado de bandeiras, com muitos visitantes e a banda de música executando belas marchas militares que, para êle, José, traziam recordações alegres do tempo em que, muito jovem, apresentou-se, voluntário, para ir combater as fôrças nazi-fascistas na II Grande Guerra Mundial. **Encontrou-se, emocionado, com vários companheiros que, como êle, contribuíram, com uma parcela, embora bem modesta, para a liberdade de todos nós.** (...) e, também, se lembraram, comovidos, dos seus companheiros que não voltaram. Rememoraram a véspera do embarque. Os dias duros de instrução em Gericinó e as incertezas da viagem a bordo do “USS *MEIGS*”, o enorme transporte americano que os levou para Nápoles. (...) E levou um choque quando ouviu alguém comentar, referindo-se aos dizeres escritos na parede: “Puxa! Bem que poderiam escrever uma frase mais alegre...” José, lentamente, leu a frase: **“Minha morte nada significa. O importante é a missão que vocês devem cumprir.”** Não pôde conter as lágrimas. E êle, que enfrentara a morte tantas vêzes, que vira tantos amigos morrerem a seu lado, que já não era uma criança e que não era um emotivo, sentiu uma necessidade louca de sair do quartel. (...) com seu pensamento voltado para os Apeninos, 25 anos passados, no dia 14 de abril de 1945, quando aquêle Batalhão – o II do Regimento Sampaio – o “seu” batalhão, cobria o flanco direito do 11º regimento de Infantaria, que tentava conquistar *Montese*. **Ali, nas proximidades de Serreto, êle ouvira aquela frase. Pronunciada por um menino, recém-saído da Escola Militar do Realengo, seu comandante de pelotão, segundos antes de morrer com o peito estraçalhado por uma granada inimiga. Francisco Mega era o nome dêsse bravo.** (...) maquinaalmente, êle acompanha a banda, cantarolando:

“Nossa fama se perde distante, no silêncio de tempos passados, onde vemos erguer-se, gigante, a memória de bravos soldados”.

O agente da estação da Vila Militar estranhou que aquêle homem maduro, **vestido modestamente**, com um raro brilho nos olhos, esperasse o trem cantando o hino baixinho. Não sabia que, naquele momento, José prestava, à sua maneira, uma homenagem ao bravo que vira morrer, coberto de sangue, nas terras que ajudara a libertar do jugo nazi-fascista. (CORREIO DA MANHÃ, 1970, p. 44, grifo nosso)

A análise do supracitado documento destaca, dentre outros fatores políticos, o enaltecimento da tradição e do patriotismo, ou seja, a “história de heróis”. Evidencia em seu corpo de texto “heróis” como o aspirante resendense Francisco Mega, lembrando o seu tombamento perante o seu regimento, o Sampaio, no combate de Montese em 15 de abril de 1945. Segundo Bento (2015, p. 62), o aspirante Mega teria dito a frase inscrita relatada no jornal como forma de motivação para seus soldados: “A minha vida nada vale, a minha morte nada significa diante do que vocês ainda têm para fazer. Prossigam na luta!” Sendo o único aspirante de carreira⁸ morto em combate, empolgava

⁸ Segundo os estudos de Ferraz (2012), os oficiais da Força Expedicionária Brasileira eram divididos em: Oficiais de Carreira (Formados pela Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN ou Escola Militar do Realengo – EMR) e Oficiais Temporários (Formados para o combate da FEB pelo Centro de Preparação

seus homens no pelotão por um exemplo de bravura a sangue frio, no qual Bento (2015) enfatiza, segundo sua visão histórica patriótica, que o oficial só demonstrou fraqueza ao rezar prestes a falecer.

Por esse motivo, a análise documental de jornais de época em sala de aula, se faz necessária. Para que a pesquisa seja aprofundada, os materiais didáticos explicam todo o contexto que o aluno precisa desenvolver para se tornar um cidadão crítico-reflexivo, segundo o que ilustra Freire (2018). Isso corrobora para que o cidadão não mais se deixe levar por insinuações e generalizações midiáticas, como Santos (2018) e Ferraz (2012) ilustram sobre o DIP à luz da época, ocorrendo ainda, na contemporaneidade.

Por fim, e com evidência, estão os novos estudos sobre história militar em paralelo à nova história, presentes nos Programas de Pós-Graduação em História (PPGH)⁹, utilizando discussões acerca não só da presença da FEB no teatro de operações, mas fundamentando-a com as pesquisas anteriores. De acordo com a pesquisa científica no Grupo de Estudos sobre História Militar, Política e Fronteiras (CNPq)¹⁰, foi possível ter acesso ao acervo de informações e possibilidades de trabalhos com as fontes primárias sobre História Militar na Educação.

A pesquisa de campo envolveu a familiarização com a temática em revisões bibliográficas, contato com as fontes primárias, e visitas a centros de memória da FEB e conservação do patrimônio histórico: Museu Conde de Linhares (RJ), Museu da República (RJ) e Museu do Comando Militar do Oeste (MS). Por fim, destaca-se a visita ao Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial durante o XXX Encontro Nacional dos Veteranos da FEB, proporcionada pela Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB) em 02 de dezembro de 2018, no qual foram conhecidos alguns dos ex-combatentes ainda vivos, na faixa dos 90 anos e 100 anos de idade. Ou seja, 73 anos após finalizada a Segunda Guerra Mundial (1945-

de Oficiais da Reserva – CPOR). Nesse momento, foi analisado o tombamento do Aspirante Mega segundo Bento (2015), na qual se memora por ser uma das principais provas da Arma de Infantaria na AMAN, ou seja, que leva seu nome. Todavia, posteriormente será analisada a importância de Oficiais Temporários, como o Aspirante Mesquita, para o confronto e a representatividade de sua memória para a nova história.

⁹ Este último tópico reflete a necessidade da reformulação de estudos nos programas de pós-graduação sobre a nova história, com efeito, nos estudos civis sobre militares. Já não mais limitados ao fato de serem militares falando sobre militares, as discussões, com embasamento teórico e prático, são inovadoras e contribuem com os estudos acadêmicos.

¹⁰ A coordenação do grupo de pesquisa é realizada pelo Prof. Dr. Fernando da Silva Rodrigues e, dentre outros integrantes além dos citados no início do estudo, estão os pesquisadores da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e demais instituições parceiras.

2018), foram conhecidos os ex-combatentes: Anselmo Alves, Juventino da Silva e José Cândido da Silva.

DISCUSSÕES SOBRE O BRASIL NO CONFLITO E NO PÓS-GUERRA

Os estudos sobre a Força Expedicionária (FEB), trazem à tona uma série de questionamentos e proporcionam uma incessante busca por esclarecimentos pautados nas revisões bibliográficas da nova história. Dessa forma, segundo Pedrosa (2011), os estudos sobre a História começaram com o repasse de informações sobre os feitos de guerra e, “tradicionalmente, a História Militar tem sido a história das guerras, campanhas, batalhas e feitos dos grandes generais, bem como o registro de todas as atividades das forças militares na guerra e na paz”. (PEDROSA, 2011, p. 2)

Os necessários estudos sobre a história militar do Brasil, bem como os feitos de guerra, refletem na construção das características individuais e coletivas dos cidadãos, sobretudo no que diz respeito ao culto à nacionalidade, sem que essa surja com o viés romantizado, base para os extremos ideológicos. Segundo o que ilustra Teixeira (2012, pp. 48-61) a historiografia dos Annales, segundo Marc Bloch e Lucien Febvre, analisa os fatos não com juízo de valor, de culpa ou mérito, presente na abordagem patriótica.

A nova forma de realizar a escrita da história contemporânea, conforme ilustra Burke (1992), concentra delimitações acerca de problemáticas fundamentais: sociais, econômicas, políticas e culturais. Segundo o autor, os estudos vão contra o viés tradicionalista da história vista de cima, enaltecimento de heróis e ainda, como a criação e perpetuação de estereótipos. Isso remete a outras abordagens, tal qual a de autores como John Keegan (1995), que estudam a pesquisa histórica de acordo com a memória dos veteranos de guerra mesmo sem presenciá-la, evidenciando como esse fator cultural reflete uma representatividade na perspectiva do indivíduo civil e do militar em sociedade à luz da época: “Tinha 25 anos e não sabia nada sobre o exército [inglês]. Jamais ouvira um tiro disparado com raiva, raramente encontrara um oficial da ativa e a imagem que tinha dos soldados e de suas atividades pertencia inteiramente à minha imaginação” (KEEGAN, 1995, p. 14).

Em um amplo cenário de tensões, a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) aconteceu após o conseqüente torpedeamento de navios por submarinos do

Eixo¹¹ na costa brasileira, aos quais, posteriormente, foi declarado guerra, em agosto de 1942. A mobilização de uma força expedicionária, de acordo com as análises de Ferraz (2012), é ilustrada em um total despreparo nas Forças Armadas brasileiras como um todo e o que não se esperava era que o planejamento estratégico brasileiro tivesse que ser totalmente reformulado para que fosse ajustado à guerra contemporânea ou total. Neste mesmo raciocínio, Santos (2018) explica que a propaganda nesse momento aquecia as sensibilidades e tendia “a provocar paixões¹², visando assegurar o domínio sobre os corações e mentes das massas. Entretanto, essa associação feita pelas entidades corporativas e cívicas ao ingresso do Brasil na II Guerra Mundial e a figura do Presidente Getúlio Vargas a defesa da democracia foi vista com reservas pelo Ministério da Guerra” (SANTOS, 2018, p. 177, p. 159). Existem dois fatores desse momento: aspectos culturais e econômicos. No primeiro, diz respeito à aproximação estratégica do Brasil com os valores norte-americanos no sentido cultural, e tal fenômeno acontecia por meio de elaboração de produções artísticas criadas por Walt Disney, como o Zé Carioca em “Alô Amigos”. Tudo tinha como finalidade a caracterização de investimentos econômicos por meio de uma espécie de enlace social e cultural entre os dois países, devido ao interesse estratégico dos EUA notados nos estudos sobre a “Política de Boa Vizinhança”¹³ que passou a ocorrer, sobretudo na arrecadação dos bônus de guerra.

Por conseguinte, Ferraz (2012, p. 47) também explica que após *Pearl Harbor* (dezembro de 1941), haviam pressões americanas para que o Brasil tomasse partido na guerra, mesmo que estes já estivessem direcionados estrategicamente nos portos brasileiros nordestinos antes dos ataques do Eixo. É necessário destacar que os fatores culturais, do comportamento do cidadão brasileiro à luz da época influenciaram no apagamento dos soldados brasileiros. Os interesses pautados para estratégias territoriais, segundo o que foi apontado anteriormente por Santos (2018, p. 159) celebravam acordos de investimentos e até mesmo de aplicabilidade de recursos para o fomento ao desenvolvimento industrial. Esse foi o caso da construção da Companhia Siderúrgica

¹¹ As tropas do Eixo correspondiam à aliança firmada entre a Alemanha nazista, a Itália fascista e o Japão.

¹² Conforme ilustrado, o sentimento nacionalista advinha dos regimes totalitários e impactou o regime de Vargas.

¹³ Iniciativa política utilizada por Franklin Delano Roosevelt após o “crack” da bolsa de valores de Nova York de 1929, nas entrelinhas do *New Deal*. Este último, era o conjunto de medidas tomadas pelos EUA (1933-1937).

Nacional em Volta Redonda-RJ (CSN), com início em 1941, mesmo que ainda não representassem investimentos diretos para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Isso ocorreu não no sentido de se estabelecer uma nova democracia no Brasil, mas em “defendê-lo” do domínio nazista, segundo Rodrigues (2012):

O interesse do governo norte-americano não era no estado ideológico do governo Vargas e, sim, mantê-lo cooperativo e útil aos interesses do Estados Unidos. E a Vargas, tudo indica que interessava mais sua política nacional desenvolvimentista do que a questão ideológica do seu regime. Havia a necessidade de manter o Brasil longe dos interesses comunistas e fascistas. O presidente brasileiro se tornou, então, o preferido, o mal menor, melhor que o desconforto de um regime político contrário aos interesses norte-americanos dentro do continente. (...) Para os oficiais do Estado-Maior do Exército, ao final da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado do Exército norte-americano, mostrou-se a urgência de uma profunda reorganização e modernização do Exército. As considerações finais do Relatório Anual do EME, de 1945, estabeleceram um grito de alerta para essas modificações, inclusive enfatizando a premência de se adotar a organização e a doutrina militar americana, baseadas na motomecanização, e, para tanto, ainda se esperava o auxílio dos Estados Unidos da América. (RODRIGUES, 2012, pp. 60-61)

E ainda, Santos (2018) explica que:

Esse projeto de integração Americana, conhecido como “Política de Boa Vizinhança”, não deve ser visto apenas sob a ótica da preservação da segurança dos Estados-partes contra uma política americana de alianças com os seus vizinhos do centro e do sul do continente, visando a sua hegemonia política, econômica, cultural e ideológica, não através da força, mas da prática do *soft power*, ou seja, pelo uso da cooperação e intercâmbio mútuos. (SANTOS, 2018, p. 47)

Em paralelo aos estudos de Santos (2018) sobre o *soft power*, Pereira (2017) elucida que os governos, sobretudo aqueles durante o conflito, utilizavam artifícios desse “poder brando” com o intuito de promover ações menos agressivas para atingir resultados de forma efetiva. Visava atingir “os meios econômicos e, sobretudo, culturais, [pois] trazem maior efetividade no que se refere à projeção e à legitimação do poder em determinada região”. (PEREIRA, 2017, p. 296). As Forças Armadas dos dois países eram “mal aparelhadas com equipamentos obsoletos” (FERRAZ, 2012, p. 80) e na FEB, com efeito, ainda era perceptível a falta de experiência em combate. No tocante aos armamentos, ora oriundos da Primeira Guerra Mundial, ora treinados com cabos de vassouras, como ilustra Silveira (2001) refletiam na preocupação dos oficiais em níveis de combate no cenário da guerra total, que, segundo Ferraz (2012):

Era esse contingente, despreparado para ações militares de tamanha envergadura, heterogêneo em todos os sentidos — estado de origem,

etnia, grau de instrução, posses, crenças políticas, religião — que embarcou, em cinco escalões, para a guerra na Europa. Jovens, na sua maioria entre 20 e 30 anos de idade, possuíam origens, geralmente, nas classes trabalhadoras das cidades e das regiões rurais. Entre os oficiais, da ativa e os da reserva convocados, apenas uma pequena parte possuía treinamento nos Estados Unidos. Mas, para todos eles, o que vivenciaram a partir de então, seria algo inteiramente novo. (FERRAZ, 2012, p. 69)

A Nova História Militar, explicada tanto por Ferraz (2012), quanto por Pedrosa (2011), dialoga com os conceitos de valorização da memória ilustradas por Pollack (1989), em um sentido não de enaltecer ideologias, mas entender os sentimentos e traumas causados no povo e no soldado, como nos relatos do soldado de infantaria do Regimento Sampaio, Joaquim Xavier da Silveira (2001). Esse sentimento é perpetuado pelo cenário beligerante, pautado nas questões de ideologias nacionalistas radicais. De acordo com o que ressalta Silveira (2001), o soldado luta para defender a Pátria, e tem nessa ação uma grande motivação para resistir às situações adversas, afinal de contas, no teatro de operações europeu as invasões ocorriam a todo momento. Sem embargo, com o “pracinha” brasileiro tudo aconteceu de forma diferente e inesperada: seu território, mesmo que ameaçado, não estava no confronto, e, as condições de guerra com “lama, chuva, neve e frio, desafios diários a que se submeteu o combatente brasileiro, soube manter sempre sua motivação para a luta”. (SILVEIRA, 2001, p. 141)

A estruturação da Força Expedicionária Brasileira estava cada vez mais longe de ser eficiente e, segundo o que dialogam Faria e Pereira (2019) e também os relatos do ex-combatente Silveira (2001), a força terrestre tinha poucos recursos. Tal estrutura deficitária provocou no *front* a sensação de incertezas e baixo moral, inclusive por fatores de necessidade básica como os da alimentação e saneamento. Todavia, esse fator já estava sendo ameaçado desde a convocação dos soldados e assim, “a formação e preparação da FEB foram repletas de problemas, desde a seleção do pessoal até o recebimento dos materiais bélicos, o que influenciou negativamente diversas áreas, dentre elas, a da alimentação” (FARIA, PEREIRA, 2019, p. 107).

Como a busca por uma nova ordem política derrubava velhos princípios, ficava evidente que a participação da FEB no cenário bélico mundial teve um papel relevante para a evolução das ideias militares brasileiras, devido ao batismo de fogo real vivenciado na Itália, gerando, por fim, novos conceitos sobre a política nacional. Correlacionar isso às perspectivas de memória na história do tempo presente com Delgado e Ferreira (2013), é refletir sobre o *continuum* histórico na dimensão coletiva,

sendo passíveis de atualizações e revisões, bem como a prática pública e privada da memória, com registros, e disponibilizada para pesquisadores contemporâneos. Por sua vez, isso também ocorre no movimento de desconstrução da imagem do veterano brasileiro desde 1945, enquanto a FEB era desmobilizada ainda em solo italiano segundo Ferraz (2012) e McCann (1993) e não está, há muito, presente na valorização da memória popular.

Hoje em dia, a maioria dos americanos se surpreende ao saber que o Brasil empregou tropas na II Guerra Mundial. Os que pertencem à geração da guerra podem ter uma vaga recordação, mas os americanos nascidos depois, aqueles que sabem que houve uma Força Expedicionária Brasileira a frente italiana, geralmente tomaram conhecimento do fato através de algum parente que tenha servido na 10ª Divisão de Montanha, no 4º Corpo, ou em alguma unidade integrante do 5º Exército. **As histórias da guerra raramente mencionaram esse fato, ou, na verdade, qualquer das outras contribuições do Brasil à causa aliada.** É certo que a FEB não alterou o curso da campanha italiana ou da guerra na Europa. Não, o seu significado reside menos na história da guerra que na história das relações brasileiro-americanas e na história do Brasil. Nestas duas áreas, seu peso é considerável, ainda que o povo americano em geral e a maioria dos estudiosos a ignorem. Mas a FEB proporcionou, de fato, aos exercícios americano e brasileiro, experiência na criação e operação de forças militares internacionais. (MCCANN, 1993, p. 267, grifo nosso)

A atuação da FEB e, sua conseqüente desvalorização advinda com a desmobilização em 06 de junho de 1945, representou um conflitante estigma para a sociedade brasileira até a contemporaneidade, segundo os estudos de Ferraz (2012). Sendo “um dos tópicos mais desprezados e esquecidos pela historiografia produzida nas universidades, pelos conteúdos históricos desenvolvidos nas escolas e, às vezes, até mesmo pela memória popular” (FERRAZ, 2012, p. 21). O autor ainda destaca que o esquecimento de 25.334 pessoas que lutaram na guerra provocou uma conversão, tanto voluntária quanto involuntária, de “agentes de memória” (FERRAZ, 2012, p. 38) A título de exemplo, destacam-se os ritos de celebração e rememoração individual para conquistar alguma dignidade, que disputavam a energia do ex-combatente, mormente, com a sua própria subsistência e de sua família. “A FEB, ao invés de constituir-se motivo de orgulho para o Exército e meio de modernização da organização e instrução militar brasileira, tornava-se um incômodo, um estigma” (FERRAZ, 2012, p. 93). Posteriormente, eram tidos como loucos ou vítimas do conflito, por, ora recordarem, ora sofrerem com os maus tratos e traumas advindos dessa situação. Ademais, Pollack (1989) ilustra o porquê desses traumas de guerra que:

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (POLLACK, 1989, p. 8)

A FEB foi desmobilizada sem aviso prévio conforme foi visto esse importante panorama da desmobilização também fora cruelmente desmantelado. “Partiam alguns dirigentes da premissa de que ‘para bucha de canhão, qualquer coisa que fique de pé sobre duas pernas está bom’. Jamais nessas inspeções de saúde foi feito o estudo do estado psicológico do examinado” (CANSANÇÃO, 1987, p. 54). Na história do tempo presente, os jovens nem sequer sabem que a mesma existiu e, ao longo da história, quando em vez, eram memorados nos desfiles de 7 de setembro. Os reflexos que a tomada de decisão dos governantes propiciou no apagamento da memória do veterano brasileiro que repercute até a história do tempo presente. De acordo com Ferraz (2012) e McCann (1993), o “soldado-cidadão” que devia ser exemplo na sociedade, foi sucateado e esquecido. No entanto, a noção de história do tempo presente (HTP) ilustrada por Delgado e Ferreira (2013), mostram que as percepções historiográficas mudam com o passar do tempo, mediante revisões, correções e acréscimos.

Em princípio, essas informações demonstram resultados insatisfatórios sobre a atuação dos soldados brasileiros no teatro de operações e, com efeito, o não reconhecimento da própria história nacional. Ao serem realizadas as análises nas fontes em questão, foram encontradas escassas referências sobre a atuação dos soldados. No material didático do Ensino Fundamental, todavia, foi um resultado satisfatório de informações no corpo do texto porque, mesmo sendo o único livro que ilustrou a FEB nesse período, traz em seu bojo poucas informações sobre a atuação.

Em paralelo, e, segundo as análises de Bento (2015), o fragmento do jornal “Correio da Manhã” de 1970 tinha como base o enaltecimento da figura do aspirante Mega¹⁴, apagando com efeito, a atuação dos soldados na frente de batalha. Por fim, o

¹⁴ Bento (2015) evidentemente, tem um apego patriótico ao enaltecer a memória do aspirante Mega, todavia, Ferraz (2012) explica: “Até comemorações dos feitos da campanha da Itália foram censuradas. Em abril de 1947, por iniciativa de alguns tenentes expedicionários que serviam na AMAN, foi proposta uma homenagem ao aspirante Mega, morto em combate e que era de Resende. Foram informados que havia uma ordem do Rio de Janeiro, ‘de não comemorar nada sobre a FEB’. No centro formador de Oficiais do Exército, as lições de guerra não seriam comemoradas, tampouco estudadas sistematicamente, pelo menos nos anos seguintes do retorno dos expedicionários” (FERRAZ, 2012, p. 144).

Currículo nem sequer pontua a atuação da FEB. Ou seja, a problemática apresentada destaca o movimento de esquecimento e apagamento da memória em torno do que foi feito pelos veteranos brasileiros, por meios institucionais. Por esse motivo, Ferraz (2012) destaca em seus estudos a relação entre a desmobilização da FEB em 1945 e os impactos para esse esquecimento na educação e memória ativa da sociedade brasileira na contemporaneidade. O autor destaca, ainda, que muitas das memórias dos ex-combatentes foram preservadas por fazerem parte de agrupamentos que mais tarde se tornariam as Associações de Ex-Combatentes de Veteranos brasileiros.

Por tal motivo, é necessário que a FEB seja pesquisada nos programas de pós-graduação em História (PPGH) e debatida em sala de aula, com o intuito de destacar a memória daqueles que representaram o Brasil nesse cenário beligerante. A pesquisa da intitulada “nova história” passou a contar do final da Segunda Guerra Mundial (1945) valorizando a memória, já não mais pautada em uma espécie de “presentismo” (DELGADO, FERREIRA, 2013, p. 21) do século XIX, nos quais os testemunhos passaram a obter cada vez mais valor no que diz respeito à construção da identidade nacional. Passa a ser, assim, uma espécie de combate ao tradicionalismo instaurado na sociedade desde os fins do século XIX.

A memória, sua valorização ou apagamento, são destacadas nos estudos de Pollack (1989) exemplificando o que sabemos sobre as lembranças do desembarque da Normandia e consequente libertação da França (POLLACK, 1989, p. 11) e trazendo para a nossa realidade. Nesse prisma, as recordações dos contemporâneos que presenciaram os ataques do Eixo não estão pautadas na datação do “Dia D” ou “Operação Overlord” como o 06 de junho de 1944, mas “aos rancos dos aviões, explosões, barulho dos vidros quebrados, gritos de terror, choro das crianças. Assim também com os cheiros: de explosivos, de enxofre, de fósforo, de poeira ou de queimado, registrados com precisão” (POLLACK, 1989, p. 11). Tais aspectos foram, ao longo da história do Brasil, segundo McCann (1993) e Corrêa (2011) sendo cada vez mais esquecidos, ainda mais porque na Educação pouco ou nada se refere à atuação da FEB até a atualidade.

Nem todos os combatentes, porém, conseguiram vivenciar os horrores da guerra sem as sequelas da angústia e distúrbios emocionais comumente conhecidos como sintomas da neurose de guerra. (...) Para suportar as pressões da guerra, a maioria aprendeu a endurecer suas emoções e instintos no período de combate, bem como no pós-guerra, produzir uma visão de mundo que privilegiava a camaradagem ou

sentimentos de fraternidade semelhantes àqueles experimentados no *front*. (FERRAZ, 2012, p. 166)

Segundo o que ilustra McCann (1993), os anos iam passando e a glórias e homenagens eram, estrategicamente, esquecidas – e esse fator acontecia pelos meios oficiais, tanto civis e militares. O desinteresse pelas “histórias da guerra”, segundo o que dialoga Ferraz (2012), chamam a atenção para o julgamento de uma suposta “vida boa” de um turismo bem remunerado na Europa durante um ano. E ainda, a chacota que se prolongou ao longo da história da FEB era que “os contatos que tiveram com o “inimigo” foram aqueles travados com as italianas miseráveis que se prostituíam pelas latinhas de comida americana” (FERRAZ, 2012, p. 133).

Por fim, não somente as polêmicas pesquisas de Ferraz (2012) ilustram que a memória da Segunda Guerra Mundial em torno da FEB foi feito em caráter social, mas também, os estudos do supracitado autor como de Santos (2018) destacam que isso ocorria também, nos meios sociais iniciados por ameaças ideológicas ao que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) prezava. Assim, o referencial teórico aponta para os resultados de que esse apagamento ocorre até hoje:

Ao escrever um relato da campanha da FEB na Itália, não se pode deixar de pensar que muitos milhões de brasileiros nada ou quase nada sabem sobre o que os nossos compatriotas fizeram em terras estrangeiras, em defesa do Brasil e da Liberdade: lutaram, sofreram e muitos morreram. Mas como é um episódio que já pertence à História, esses bravos serão lembrados a cada vez que um brasileiro, servindo às nossas Forças Armadas, venha a cantar as estrofes daquele velho hino militar. “Nossa fama se perde distante no silêncio de tempos passados...” (SILVEIRA, 2001, prólogo)

O projeto educacional, alicerçado na metodologia da aplicação do Currículo de 2011, solicita pouco sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), bem como o período Vargas (1930-1945). Ainda assim, é necessário elucidar que o mesmo não realiza explicações sobre a FEB e, por esse motivo, nenhuma das turmas sabiam da existência da FEB. “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”. (POLLACK, 1989, p. 5) Assim, Freire (2018) também explica que as grandes dificuldades encontradas em sala de aula são a desvalorização do professor e falta de diálogo com o aluno. Nesse sentido, o autor explica como a educação é essencial para o desenvolvimento do cidadão enquanto educando:

Como os demais saberes, esta demanda do educador um exercício permanente. (...) A competência técnico-científica e o rigor de que o

professor não deve abrir mão do desenvolvimento do seu trabalho não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vai sendo desvelados. É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças. (FREIRE, 2018, p. 12)

Em virtude dos aspectos analisados, a historiografia militar, além de dialogar com o passado, transparece a aplicabilidade de concepções castrenses e entendimento desses exemplos históricos. Além disso, tem auxiliado a aprendizagem não somente no meio militar, mas também na valorização do cenário político, cultural e econômico e de pertencimento para a sociedade civil. No tocante aos estudos que foram apresentados, assim, também é possível destacar o combate às ideologias extremistas que colocaram em xeque o bem-estar da sociedade como um todo na Segunda Guerra Mundial (1939-45). Teoria e prática, dessa forma, se solidificam em múltiplos aspectos para o reconhecimento do passado e da disciplina de História em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação da Força Expedicionária Brasileira (1944-1945) foi um importante marco para a história do Brasil contemporâneo, sobretudo no que diz respeito ao cenário de instabilidades que foi permeado o catastrófico século XX, segundo Hobsbawm (1995). O apagamento da atuação da FEB, conforme o que ilustra Ferraz (2012) é o que mais revela preocupações no meio acadêmico, bem como no eixo educacional. Na realidade, esses resultados são vistos na sociedade brasileira como um todo, pois desde o início dos estudos com a metodologia qualitativa de levantamento de dados iniciado em 2018, poucos cidadãos sabiam o que foi a FEB ou porquê a mesma teria sequer existido.

Segundo o que ilustram Cansanção (1987), Silveira (2001) e Silveira (2001), no final do século XX ainda acontecia a desvalorização do combatente desde sua desmobilização em 1945, e, segundo Ferraz (2012), isso está longe de acabar no início do século XXI. Freire (2018) revela na autonomia do discente que a pesquisa e o diálogo com o professor são fatores que contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexo e, com efeito, são essas as necessidades em um cenário de atuação docente. A problemática apresentada, nesse sentido, volta olhares para o esquecimento da FEB ainda no contexto educacional, sobretudo pela instabilidade das

origens do discurso no tempo presente, segundo Delgado (2013) e Ferreira (2000), dos temas trabalhados na sociedade.

As coletas de dados das opiniões em sala de aula, fontes históricas, análise do currículo mínimo, estudo de materiais didáticos e pesquisas em referenciais teóricos revelaram uma série de falhas no que diz respeito ao ensino de história, essencialmente no estudo sobre aqueles que lutaram pelo Brasil. O que se entende é que o ensino tenha ficado, com o tempo, defasado e habituado a seguir um paradigma, não abrindo portas à pesquisa docente e, assim, não incentiva o mesmo em sala de aula com os discentes. É o que se pode afirmar sobre a “educação bancária” segundo Freire (2018), em um contexto que o aluno não é instigado a pensar, apenas a receber o conteúdo pronto e não questionar.

A metodologia teve uma abordagem de cunho qualitativo, de pesquisa descritiva, com análise de documentos, pesquisa de campo e revisão bibliográfica e, enfim, tudo aponta para a necessária reformulação das aulas de História sobre a Segunda Guerra Mundial. O escopo de atuação à prática docente, a iniciação científica voluntária no projeto de pesquisa, o evento da ANVFEB e as historiografias, tradicional, revisionista e nova história, revelaram que existe um apagamento real sobre a FEB segundo Ferraz (2012) e, conforme todos os autores citados, esse esquecimento aconteceu o mais rápido possível. Isso também foi visto segundo Faria e Pereira (2017), Rodrigues (2012) e Santos (2018).

Assim, a crítica final a ser esclarecida diz respeito ao apagamento da história da atuação de soldados desconhecidos¹⁵ que lutaram pela libertação do extremismo nazifascista aos quais nem sequer foram citados pelos livros, nem são exigidos nos exames nacionais, como os vestibulares ou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O apagamento em questão, segundo o referencial teórico, não surgiu pelo apego a uma ideologia, mas pela aproximação com todas estas. O que mostra assim, que as vertentes historiográficas citadas neste trabalho concatenam a crítica da problemática: o constante apagamento da FEB.

A memória da Força Expedicionária Brasileira, pesquisada e descrita por militares ou civis, nesse escopo, ilustra aspectos que culminaram para a apresentação de

¹⁵ O Dia do Soldado Desconhecido reverencia os soldados mortos em combate, celebrado em 28 de novembro desde a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). No Brasil, esse resgate é feito no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Rio de Janeiro em memória aos pracinhas tombados no *front*.

forma anódina do tema no veio curricular, tornando difícil aos jovens saber sobre a existência de uma força brasileira que lutou na Segunda Guerra Mundial. Por esses motivos aqui apresentados, os estudos sobre a nova história se fazem necessários, por dialogarem com os fatores que marcaram toda uma época, mas que precisam ser contados através de políticas educacionais voltadas à história dos feitos da FEB em campanha na Itália.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Cláudio Moreira. **Aspirante Francisco Mega: O Patrono da Turma da AMAN de 15 de fevereiro de 1955.** Acervo da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/ASPIRANTE%20FRANCISCO%20MEGA%202.pdf>> Acesso: 28 nov. 2020 às 10:50.

BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**, trad. de Magda Lopes - São Paulo: Editora UNESP, 1992. Disponível em: <http://etnohistoria.fflch.usp.br/sites/etnohistoria.fflch.usp.br/files/Burke_Nova_Historia.pdf> Acesso em: 28 nov. 2020, às 13:20.

CANSANÇÃO, Elza. **E foi assim que a cobra fumou.** Rio de Janeiro, Imago, 1987.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, nº 4, pp. 19-34, 2013.

FARIA, Durland Puppim. PEREIRA, Fabio da Silva. Alimentação dos Soldados Cariocas na Itália: um impacto cultural (1944-1945). **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 14, 2018, pp. 103-121. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2018/09/AGCRJ_revista14-103-121.pdf Acesso: 29 jun. 2020 às 03:30.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000).** Londrina, Eduel, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios.** Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, nº 3, 2000.

FRANCO, André Luiz dos Santos. Honra e glória. **Aditância do Exército junto à Embaixada do Brasil na Itália (ADIEx).** Roma, abr. 2020. Disponível em: <<https://www.adiexitalia.org/index.php/pt/forca-expedicionaria-brasileira-feb>> Acesso em: 29 nov. 2020 às 00:40.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paulo Freire 56ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2018.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX**. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. Versão Kindle.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MCCANN, Frank. A Força Expedicionária Brasileira na Campanha Italiana (1944-1945). In SILVEIRA, Joel. **A luta dos pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial**. Joel Silveira e Thassilo Mitke. Rio de Janeiro, Record, 3ª ed, 1993. pp. 267-287.

PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. A História Militar Tradicional e a “Nova História Militar” **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho 2011. Acesso: 01 jun. 2020, às 02:35. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300540601_ARQUIVO_Artigo-HistMilTradeNovaHist-Envio.pdf>

PEREIRA, Fabio da Silva. Governança e Participação: o ambiente interagências nas operações militares no Complexo da Maré. **Anais do IV Encontro sobre Administração Pública**, UFPB, Paraíba, mai. 2017. Disponível em: <<http://plone.ufpb.br/ebap/contents/documentos/0294-310-governanca-e-participacao.pdf>> Acesso: 29 nov. 2020 às 13:00.

PEREIRA, Fabio da Silva. **Análise do Ethos dos Oficiais do Exército Brasileiro: Uma (re) visita à Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) (1989 – 2018)**. Qualificação de tese de doutorado. UNIVERSO, Niterói, maio de 2020.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

RODRIGUES, Fernando da Silva. O Posicionamento Militar Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial: a aproximação com a Alemanha e o alinhamento com os Estados Unidos da América (1934-1942). **Revista da Escola Superior de Guerra**. V. 27, n. 54 (jan./jun.) 2012 – Rio de Janeiro: ESG, 2012.

SANTOS, Leonardo Montanholi dos. **“Ajude a Esmagar o Eixo”:** a campanha de propaganda dos bônus de guerra no Brasil e nos Estados Unidos da América (1941-1945). 1 ed. Curitiba: Editora Príamas, 2018.

SCIARRETTA, Massimo. **História Contemporânea I**, v. 2. Massimo Sciarretta, Carlo Romani. Rio de Janeiro, Fundação CECIERJ, 2013.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. Editora Expressão e Cultura – Exped. Ltda., 2001.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. **Historiografia Contemporânea**. v. 1 e v. 2. Felipe Charbel Teixeira, Pedro Spinola Pereira Caldas. Rio de Janeiro: Fundação CECIRJ, 2012.

FONTES

Êles lutaram pelo Brasil, **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1970, edição nº 23663, p. 44/88. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_08&pagfis=7678&url=http://memoria.bn.br/docreader#> Acesso: 28 nov. 2020 às 09:30.

Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria do Estado de Educação. **Currículo Mínimo de História**. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <https://historiadauff.files.wordpress.com/2012/07/historia_livro_v2-1-curric-min-rj.pdf> Acesso: 23 jun. 2020 às 05:40.

PROJETO ARARIBÁ. História, Ensino Fundamental. Coordenação de Maria Raquel Apolinário, São Paulo, 2ª Ed, **Editora Moderna**, 2007. Obra em 4 volumes para o Ensino Fundamental (6º ano – 9º ano).

Recebido em: 01/09/2021

Aprovado em: 20/09/2021

Publicado em: 27/09/2021